

3

A Metáfora

“Vigie seus pensamentos; eles se tornam palavras.

Vigie suas palavras; elas se tornam ações.

Vigie suas ações; elas se tornam hábitos.

Vigie seus hábitos; eles formam seu caráter.

Vigie seu caráter; ele se torna seu destino.”

Frank Outlaw

3.1

A visão objetivista da metáfora

Metáfora, termo de origem etimológica grega que significa mudança, transporte, foi definida inicialmente por Aristóteles (1998) nas obras sobre poética e retórica. Como ferramenta da linguagem, a metáfora foi conceituada pela visão aristotélica por transferir o nome de uma coisa para outra. Assim, o sentido próprio, real e objetivo de uma determinada palavra é transformado para um sentido figurativo e representativo. Cria-se uma figura de estilo responsável por comparar dois elementos sem o recurso de um conectivo.

As primeiras considerações acerca de uma linguagem figurada começaram com as reflexões sobre a metáfora e ampliaram-se na direção de demais figuras de linguagem. Embora a visão tradicional sobre esses tropos linguísticos considere um esforço mental e a expressão de ideias novas, não questiona a visão de mundo e os mecanismos cognitivos nela implícitos.

Ao supor um significado real atrelado a um termo, supõe-se também uma verdade predeterminada, uma realidade objetiva das coisas e do mundo. Adota-se uma perspectiva correlativa ao Empirismo Lógico, compreendendo o significado como algo de natureza abstrata, proposicional e simbólica. É um ponto de vista amparado em Chomsky, mais precisamente, na crença de que a semântica deriva de estruturas prévias e garante a correspondência com os objetos do mundo, e em Platão, no conceito de ideias universais independentes da prática humana. A visão

objetivista acusa a pragmática como culpada por desvios, erros e ambiguidades na linguagem.

Segundo Kövecses (2002), a visão tradicional da metáfora pode ser sintetizada em cinco condições básicas: a metáfora é uma ocorrência linguística; é empregada para adornar confecções da arte e da retórica; é fundamentada na similitude entre dois elementos que são conferidos e identificados; acontece por meio de um uso consciente das palavras e é preciso ter uma habilidade especial para ser apto a usá-la de modo eficaz e inventivo; é uma figura de linguagem usada para causar resultados específicos no discurso, como um recurso que não está fundamentalmente pautado na comunicação diária e coloquial das pessoas.

Nesse sentido, a metáfora nada mais é do que um artifício para o embelezamento da linguagem, sem guardar qualquer relação com os fenômenos humanos cognitivos. Essa classificação da retórica clássica, apoiada unicamente na lógica, reduz e simplifica a relevância de sua função, ignorando as dimensões narrativas possíveis em que ela ocorre.

3.2

A visão construtivista da metáfora e a Teoria da metáfora conceitual

Em outro viés, defendido pelo não-objetivismo, argumenta-se que a linguagem não teria o encargo principal de servir como referência do mundo, mas teria o propósito de difundir e compartilhar experiências. Segundo essa tradição, a prática contextualizada é determinante para a construção de palavras e narrativas.

O contexto a ser estudado, portanto, é o âmbito sócio-cultural em que os sentidos são formulados. Na perspectiva da Linguística Cognitiva, todo significado é fundado com a contribuição do aspecto cognitivo, obviamente, e do aspecto físico, ao qual cabe a corporificação da linguagem. Como confirma Rohrer (2005), a neurociência cognitiva atesta que a dimensão perceptiva da concreção é acionada para a compreensão de qualquer dado visual, só, posteriormente, transmutando-o em imagem abstrata. A hipótese explanada por Rohrer (2005) afirma que a corporificação social, a cognição e o aspecto físico do ser humano são causativos dos sistemas linguístico e conceitual de que compartilhamos.

Para efeito didático, é possível classificar os usos do termo corporificação em duas grandes dimensões. A primeira está relacionada à experiência física propriamente dita, incluindo as subjetividades, a sociedade e a cultura em que a linguagem está imersa. E a segunda refere-se à substância física, aos elementos neurofisiológicos do corpo.

A corporificação é uma hipótese oriunda da tentativa de solucionar o dualismo natureza-cultura. A proposta é unificar as experiências advindas das sensações corporais, ambientais e culturais como estruturas basilares dos domínios fonte das metáforas conceituais que compõem a linguagem. A percepção e a concepção do mundo estariam inter-relacionadas em uma mente corporificada, compartilhando inclusive dos mesmos mecanismos neuronais. O realismo experiencial ou o experimentalismo retrata a hipótese da corporificação na medida em que caracteriza toda e qualquer experiência individual ou comunitária como resultante da interação entre atributos físicos e ambientais.

Tendo como meta solucionar a incapacidade de uma comunicação plena, a teoria não-objetivista recusa a ideia da realidade-em-si e de uma correspondência direta entre a verdade das coisas e as palavras, como defende a visão objetivista. Para tanto, sustenta-se em três pilares fundamentais, a saber: o tema da compreensão ou entendimento, a questão da imaginação e a corporificação. Para o construtivismo, a realidade sempre estará atrelada às faculdades dos sentidos e da linguagem.

São noções essencialmente relativas a subjetividades únicas, ou seja, a comunicação ganha contornos menos generalizantes e homogêneos. Os indivíduos e suas histórias de vida deixam de representar interferências causadoras de erros e desvios na linguagem. E a imaginação, antes vista pelo objetivismo como deturpadora de significados, passa a ser concebida como elemento de composição de sentidos.

Segundo Johnson (1987), o não-objetivismo descreve o significado como fruto da compreensão humana e da maneira como experimentamos e designamos o mundo em que vivemos. Mais precisamente, esse é o mecanismo intitulado como imaginação corporificada, o qual relativiza a fixidez dos conceitos e converte-os em estratos estáveis que surgem como modos padronizados da compreensão.

A compreensão, por sua vez, pode variar de objeto desde a semântica de uma frase até acontecimentos históricos complexos. Torna-se necessário investigar as equivalências entre os sedimentos que dão sentido aos fatos e aqueles que dão sentido a uma palavra ou sentença.

Buscar uma unidade de sentido é a tarefa empreendida por Johnson (1987), motivado pela certeza de que somos seres humanos comuns e, não, individualidades completamente independentes e autônomas. O sentido linguístico funcionaria, então, como um catalisador de experiências significativas.

Sabe-se, contudo, que o significado não está nas palavras, mas em quem as fala, como fala e para quem as fala. Existe uma comunidade que partilha de tal significado. A sua maior variável parece estar em como se fala, na intenção subentendida nas palavras. Todavia, a intencionalidade, que representa um estado de humor ou uma dimensão da experiência humana, também é um aspecto compartilhado culturalmente.

Conclui-se que o significado é subordinado da relação sócio-cultural e, sobretudo, da bagagem de experiência adquirida dos que se comunicam. Em outras palavras, não são conceitos ou frases que mapeiam o mundo objetivamente, dando-lhe sentido, mas é a compreensão dada pela prática humana a responsável por construir e mediar significados.

Assim, considerando o contexto e suas práticas sociais, bem como a dimensão cognitiva, Lakoff e Johnson apresentam uma perspectiva inédita de estudo da metáfora: a Teoria da metáfora conceitual.

O livro “Metáforas da vida cotidiana”, lançado por eles no ano de 1980, apresenta um novo ângulo de entendimento sobre a metáfora. Os autores demonstram a sua ampla presença em nossa comunicação diária, ressaltando que a linguagem prosaica é constituída por um vasto sistema conceitual metafórico, o qual governa também o pensamento e as ações. O novo paradigma proposto por Lakoff e Johnson evidencia a metáfora como sendo um fenômeno central em todos os tipos de linguagem, inclusive na linguagem científica, o que era considerado impossível diante da corrente lógico-positivista. Para eles, nós conceituamos o mundo, a cultura e a nós mesmos por meio de metáforas. Por causa do uso bastante trivial, elas são em grande parte inconscientes, de modo que não percebamos quando se manifestam.

Lakoff e Johnson (2002) baseiam-se no mito experiencialista para definir a metáfora conceitual. O experiencialismo é fundamentado na ideia de que o ser humano só pode ser estudado no ambiente em que vive, considerando as experiências físicas e emocionais que o atravessam. A inter-relação homem-meio ambiente promove transformações mútuas propagadas continuamente. Esse panorama explica, portanto, as metáforas como estruturantes da linguagem cotidiana e consagradas como o artifício usado no processo de conceitualizar o mundo.

As metáforas são construídas partindo-se de um domínio-fonte para um domínio-alvo, o que significa dizer que o uso de uma palavra com determinado significado em um enquadre contextual específico é transportado para outro campo social. Esse mecanismo faz emergir um ponto de vista original do termo, um novo sentido, uma nova forma de compreensão sobre aquela realidade.

A metáfora conceitual repete-se em muitas narrativas, na medida em que reificamos um conceito de caráter abstrato, como relação, vida, emoção e tempo. No intuito de solidificar conhecimento sobre eles, transformamo-os em importância com legitimidade sócio-cultural já estabelecida, como viagem, escola, guerra e dinheiro.

Tendemos a estender conceitos da esfera sensorial para definirmos aspectos abstratos. Tratamos do tempo como algo que se movimenta no espaço, ou seja, falamos do abstrato em termos do concreto ao representarmos correspondências entre entidades de um domínio fonte (espaço) e um domínio alvo (tempo), como em: ‘O congresso é no mês que vem.’ ; ‘O dia dos namorados está chegando!’; ‘Vou comprar o presente dela quando estivermos mais próximos do dia do seu aniversário.’; etc.

O senso comum é um grande responsável pela aceção de mundo de cada época e lugar. As analogias e semelhanças entre os seus campos da experiência, ainda que quase imperceptíveis à primeira vista, são os alicerces das metáforas com as quais nos comunicamos. Algumas bastante usadas e ilustrativas desse procedimento são: ‘dificuldade é peso’, ‘sobrevivência física é sobrevivência financeira’, ‘teorias são construções’, ‘desejo é fome’.

À Teoria da metáfora conceitual, Kövecses acrescenta que para compreender um domínio-alvo nos termos de um domínio-fonte é preciso analisar uma cadeia de mapeamentos entre ambos. Esses mapeamentos são

correspondências de sentido que refletem níveis da experiência física, cultural e linguística. O autor esclarece que o significado central do domínio-fonte é arraigado nas práticas discursivas de uma comunidade linguística, podendo ser acoplado a múltiplos domínios-alvo. Cada domínio-alvo corresponderá à principal acepção do domínio-fonte. O exemplo a seguir ilustra a explicação:

Metáfora conceitual: JOGO DE FUTEBOL É GUERRA

Domínio-fonte	Domínio-alvo
Exércitos inimigos	Times de futebol
General do exército	Capitão do time de futebol
Praça de guerra	Estádio esportivo, campo de futebol
Nação (ões) representada(s) pelo exército	Torcida do time

As metáforas oriundas diretamente das sensações físicas são denominadas metáforas primárias, como por exemplo: APARÊNCIA FÍSICA É FORÇA FÍSICA (“Ela é muito atraente”) e INTIMIDADE É PROXIMIDADE (“A convivência nos deixa cada vez mais próximos”). Aquelas que derivam de mapeamentos mais complexos entre dois conceitos principais são as metáforas estruturais: TEORIA É CONSTRUÇÃO (“O alicerce desta teoria é a experiência clínica”). Existem também as metáforas que personificam conceitos, como: UM LIVRO É UMA PESSOA (“Esta obra literária nos conta uma bela história”).

Kövecses (2002) lista os domínios-fonte e domínios-alvo mais comuns nas metáforas conceituais. Os principais domínios-fonte são: cultivo vegetal (“Há dois anos o nosso amor floresceu”), construção (“Você arruinou a minha vida”), esportes (“Ela me jogou pra escanteio”), alimento (“Minha avó diria que ele é um pão”), dinheiro (“Resolvi me poupar para a corrida”), animais (“Ele é fera em matemática”), luminosidade (“Suas palavras clarearam o meu caminho”), o corpo humano (“Minha secretária é o meu braço direito”), saúde e doença (“Temos uma relação saudável”; “Minha imagem está arranhada”) temperatura (“Pequenas mudanças esquentaram nossa relação”), movimento (“Eu corro atrás dos meus sonhos”), ferramentas e máquinas (“Aquela ideia ficou martelando a minha cabeça”), força (“Você me faz levitar”).

Os principais domínios-alvo, conceitos de caráter mais abstrato, são por vezes definidos com base nos possíveis domínios-fonte: economia – domínio-fonte: cultivo vegetal (“O investimento na bolsa rendeu ótimos frutos”), emoção – domínio-fonte: força (“Explodi de tanta alegria”), relação – domínio-fonte: construção (“Demoramos pouco tempo para construirmos um casamento sólido”), tempo – domínio-fonte: objeto que se move no espaço (“O dia da apresentação está chegando”), ação – domínio-fonte: movimento (“Consegui bater a minha meta”), vida – domínio-fonte: guerra (“A cada dia travo uma nova batalha”).

Kövecses (2002) ainda classifica as metáforas conceituais segundo a sua convencionalidade, ou seja, à frequência em que elas aparecem em diferentes grupos linguísticos. Quanto mais frequente e, portanto, mais convencional uma determinada metáfora conceitual for, mais inconsciente ela é para os seus falantes. Algumas delas são: VIDA É UMA VIAGEM (“Caminhei muito até chegar aqui”), MAIS É PARA CIMA (“Eu subi de cargo na empresa”), SABER É VER (“Já vi o que você quer comigo”), AMOR É UMA VIAGEM (“Estamos em direções opostas”).

As metáforas conceituais, sejam inconscientes ou não, são inerentes à nossa forma de pensar, falar e agir no mundo. Em toda sorte de experiências humanas é possível localizar construções metafóricas. Kövecses (2002) as nomeia como realizações das metáforas conceituais, presentes nas manifestações artísticas, como desenho, pintura, escultura, literatura, teatro e cinema; nos símbolos; mitos; propagandas; política; instituições e práticas sociais; moral; ética; interpretação de histórias e de sonhos.

Ancoradas na linguagem, no pensamento, no corpo e na cultura, as metáforas conceituais podem ser estudadas na sua dimensão universal e cultural. A primeira delas diz respeito ao domínio de nossas sensações advindas do corpo humano. Esse corpo, de estrutura universal, funciona como alicerce de várias construções metafóricas presentes em diferentes línguas e comunidades linguísticas. Os sentidos físicos são basicamente os mesmos nas diferentes partes do planeta, ocasionando o aparecimento de metáforas conceituais idênticas em idiomas e culturas distintos. Consoante Kövecses (2007), o inglês, o húngaro e o chinês, por exemplo, contêm três metáforas mais usuais sobre o conceito de felicidade: FELICIDADE É PARA CIMA, FELICIDADE É LUZ, FELICIDADE É UM LÍQUIDO EM UM CONTÊINER. Esse fenômeno ocorre porque quando

dizemo-nos felizes, tendemos a experimentar sensações físicas semelhantes, como: sorrir, manter a postura ereta, mantermo-nos em movimento, de cabeça elevada e olhos bem abertos e vivazes. Assim acontece com a maioria das metáforas conceituais primárias que relacionam alguns afetos com experiências corporais específicas. A felicidade ou alegria, a tristeza, a raiva, o nojo e o medo parecem ser comuns a toda humanidade, aparecendo por meio de metáforas conceituais também comuns.

Outras expressões metafóricas manifestam características linguísticas e culturais de seus falantes. Segundo Kövecses (2007), não somente os eventos físicos são motivadores de metáforas conceituais, mas também os fatores culturais, que transformam o pensamento, a linguagem e, portanto, as metáforas criadas. Os contextos sócio-histórico, pessoal e situacional modelarão as metáforas empregadas em uma cultura, produzindo variações ao longo do tempo.

Linguagem, cognição e cultura entrelaçam-se para a composição de metáforas conceituais, sendo mais evidentes na linguagem, representante capital da cultura. Um sistema linguístico é composto por uma rede metafórica estabelecida e compartilhada, a qual se deve a conservação do equilíbrio e da permanência da identidade cultural.

Segundo a Teoria da metáfora conceitual, existem alguns princípios básicos aos quais todas as metáforas satisfazem. O primeiro deles é ubiquidade, isto é, estar presente em abundância em todos os discursos, ou seja, na linguagem trivial ou científica.

A unidirecionalidade da metáfora é outro princípio que a define. A relação entre o domínio-alvo e o domínio-fonte é, por assim dizer, irreversível, só podendo ser feita em uma direção. Ler a metáfora em sentido inverso faz com que ela perca o significado.

O terceiro é o princípio da invariância, de acordo com o qual a metáfora deve conservar consistente a topologia cognitiva do domínio-fonte e do domínio-alvo (Lakoff, 1993). A estrutura dos domínios deve ser preservada a mesma, o que transforma a metáfora em um veículo do pensamento (Murphy, 1996).

3.3

Metáfora e metonímia

Tal como a metáfora, a metonímia indica outra organização que fazemos do mundo. Não somente como ferramenta da linguagem, mas a cargo de função cognitiva, a metonímia denota a relação aplicada aos significados da parte e do todo. Nesse enfoque, a metonímia é o emprego de um elemento em lugar de outro que, com ele, apresenta uma relação constante ou apenas momentânea. Na sentença: “Estou estudando Freud.” evidencia-se a relação constante entre as obras e o seu autor. Contudo, a informação de que Freud foi um escritor de vários livros é determinante para a compreensão do significado metonímico presente na frase. Já no exemplo: “O camisa dez fez dois gols no jogo.”, percebe-se a relação momentânea na qual um jogador é representado pela camisa dez de um time, temporariamente.

A metonímia conceitual, de acordo com Kövecses (2002) tem a função cognitiva de fornecer o significado de um domínio-alvo por meio do mesmo domínio-fonte. Na metáfora, a relação entre domínios compreende dois conceitos díspares, como em: VIDA É GUERRA, na qual um termo concreto dá sentido a um termo abstrato. Na metonímia, ambos os termos envolvidos mantêm estreita relação dentro de um sistema conceitual, como ocorre em: autor pela obra, todo pela parte e efeito pela causa. Por exemplo, em PAIXÃO É FOGO, o domínio fonte FOGO origina-se da relação metafórica CALOR É FOGO; o domínio alvo CALOR origina-se da relação metonímica efeito pela causa, na qual PAIXÃO causa calor no corpo. A rede de significado é a seguinte: PAIXÃO causa CALOR NO CORPO, que é entendido como CALOR, que é entendido como FOGO, que é usado para entender PAIXÃO.

Metáforas sobre emoções e relações humanas são o alvo de pesquisas de Kövecses (2006). Para o autor, a base conceitual desse tipo de metáfora é metonímica, justificando a relevância do estudo sobre as metonímias.

3.4

Metáforas da relação amorosa

Conceitos sobre emoções são a combinação de alguns componentes citados por Kövecses (2006): metáforas, metonímias, conceitos relacionados e

modelos culturais. Sabe-se que as emoções são caracterizadas por um vocabulário altamente figurado e, por isso, compostas por expressões metafóricas e metonímicas. O autor apresenta metáforas do amor e da raiva, destacadas abaixo, nas quais os domínios-fonte são tipicamente concretos em relação aos domínios-alvo:

AMOR

AMOR É UMA UNIÃO DE PARTES - “Ela é a minha cara-metade”; “Nos encaixamos direitinho”; “Eles resolveram se separar”; “Nos uniremos em matrimônio”.

AMOR É UMA VIAGEM - “Nossos caminhos se cruzaram e hoje seguimos pela mesma estrada”; “Esse caso já foi longe demais”; “Estamos num beco sem saída”; “Precisamos superar essa fase para seguirmos adiante”; “Já é tarde para voltarmos atrás”.

AMOR É UMA RELAÇÃO ECONÔMICA – “Eu invisto mais no casamento do que você”; “Não lucrei nada com aquele namoro”; “Ela tem todo crédito comigo”.

AMOR É UMA FORÇA FÍSICA – “Estou muito atraído por ela”; “Quando nos beijamos, dá choque”; “Nosso magnetismo é incrível”.

AMOR É INSANIDADE – “Eu sou louca por você”; “Você me deixa doido”.

RAIVA

RAIVA É INSANIDADE – “Eu tô louca de raiva de você”.

RAIVA É UM FARDO – “Carrego essa mágoa no peito há anos”

RAIVA É UMA AUTORIDADE SUPERIOR – “Fico dominado por esse sentimento”; “Essa raiva é mais forte do que eu”.

RAIVA É FOGO – “Essa raiva tá queimando por dentro”; “Isso me consome aos poucos”

RAIVA É UM LÍQUIDO QUENTE EM UM CONTÊINER – “Eles estão fervendo de raiva”; “Vou explodir em cima dele”.

Os exemplos de metonímias envolvem apenas um domínio, através do qual é possível o acesso mental ao domínio amor. São eles:

AMOR

AUMENTO DA TEMPERATURA CORPORAL É AMOR – “Quando ele chega me sobe um calor”.

DIFICULDADE PARA RESPIRAR É AMOR – “Eu perco o ar sempre que te vejo”.

DIFICULDADE PARA PENSAR É AMOR – “Quando estou com você não consigo pensar em mais nada”.

PROXIMIDADE FÍSICA É AMOR – “Eles estão juntos há mais de cinco anos”.

SEXO É AMOR – “Fazemos amor três vezes por semana”.

As metonímias das emoções indicam seu caráter físico, podendo indicar aspectos comportamentais ou fisiológicos do corpo correspondentes a elas. Dessa forma, integrando os fatores comportamentais aos fisiológicos, é possível compor um perfil conceitual exclusivo para as emoções básicas, como o amor, o medo e a raiva (KÖVECSES, 2006).

As metáforas das emoções amor e raiva, como domínios-alvo, parecem ter domínios-fonte bastante variados e de aplicação extensa e ilimitada. Todavia, alguns afetos mostram domínios-fonte mais limitados e relacionados especificamente a eles. Alguns exemplos são:

ALEGRIA É ESTAR FORA DO CHÃO – “Meu coração está pulando de alegria”.

MEDO É UM INIMIGO ESCONDIDO – “Quando a noite cai, o medo nos espreita”.

VERGONHA É ESTAR SEM ROUPA – “Ele me deixa nua com esse olhar”.

Por meio dos exemplos dados, é fácil perceber que os domínios-fonte derivam de dois fatores associados às emoções: possíveis causas ou efeitos. Pular pode ser uma consequência de estar alegre; um inimigo escondido pode causar medo; e estar sem roupa pode ser um motivo para se ter vergonha. Portanto, conclui-se que muitas emoções são significadas via causas ou efeitos típicos relacionados a elas. Assim, podem-se estabelecer os domínios-fonte específicos

das metáforas das emoções. E como esses domínios emergem, em sua maioria, de experiências corporais, a essência da construção metafórica das emoções origina-se de um processo metonímico.

Como destaca Kövecses (2006), um domínio-alvo conceitualmente próximo do das emoções diz respeito às relações humanas, como as amorosas e as de amizade. As relações qualificadas pelo amor transformam-no em um caso especial, no qual ele pode ser compreendido tanto como emoção quanto como relação.

Quando o amor é definidor de uma relação amorosa, costuma-se identificar dois pontos ou mais pontos de referência que estarão em jogo na composição do significado. O amor conjugal foi identificado pelo autor como sendo o mais prototípico entre todas as formas de amor, como o amor familiar, o amor pelos amigos, o amor religioso. Abaixo estão listados alguns domínios fonte das metáforas da relação amorosa (KÖVECSES, 2006):

AMOR É DIVIDIR (EXPERIÊNCIAS) OBJETOS

DISTÂNCIA (PERTO/LONGE)

CALOR

LIGAÇÃO

RELAÇÃO ECONÔMICA

CONSTRUÇÃO

MÁQUINA

PLANTA

VIAGEM

Quinn (1987) realizou uma pesquisa sobre modelos culturais do casamento americano e constatou que, apesar de ser possível falar da experiência amorosa em termos não metafóricos, como: esposa, marido, estar casado e divórcio, manter uma linguagem não metafórica durante uma entrevista sobre um tema que abarca a dimensão emocional humana é bastante improvável. O amor entendido como relação é um conceito abstrato e, por isso, ele é compreendido e descrito por meio de metáforas. Contudo, como adverte a pesquisadora, elas não são selecionadas de modo aleatório, mas escolhidas para descrever modelos culturais difundidos pré-existentes.

Quinn (1987) destacou algumas metáforas mais recorrentes sobre o casamento. Eis os exemplos:

CASAMENTO É UMA VIAGEM – “Casais atravessam fases boas e ruins”, “Aonde você pretende chegar com ele?”, “Vou acabar com esse casamento e recomeçar tudo com uma pessoa nova”, “Chegamos num lugar onde há confiança e amor”, “Somos incapazes de continuar”.

CASAMENTO É UM PRODUTO MANUFATURADO – “deve durar”, “deve funcionar”, “deve ser bom e forte”.

CASAMENTO É UMA LIGAÇÃO – “Estamos atados (amarrados, presos) um ao outro”, “Temos uma ligação bem forte”.

CASAMENTO É UM INVESTIMENTO – “Por que jogar fora todos aqueles anos juntos?”, “Eu depusitei toda a minha vida nessa relação”.

CASAMENTO É UM JOGO – “Apostei tudo naquele casamento”, “Aqui quem dá as cartas é ela”.

A autora concluiu que a inter-relação de diferentes metáforas constitui o significado de casamento para cada indivíduo. Cada uma delas contém proposições sobre o casamento: quem compra um produto, espera que ele dure e funcione; quem faz uma viagem, está em busca do desconhecido e pode encontrar dificuldades no caminho que vão requerer esforços para superá-las; quem faz um investimento, espera benefícios em troca.

Contudo, a articulação entre as proposições metafóricas pode compor arranjos de lógica conflitante, por exemplo: o desconhecimento inicial dos cônjuges sobre o casamento não garante que ele trará benefícios mútuos para eles e as dificuldades enfrentadas pelo casal podem fazer com que o casamento não dure muito.

Quinn (1987) percebeu os paradoxos ao longo dos discursos, explorando-os até que os entrevistados tecessem uma sequência de proposições encadeadas de maneira causal, ilustrando assim suas experiências amorosas. Ela buscou entender a fundo quais eram os benefícios esperados e se foram atingidos, quais foram as dificuldades encontradas e as saídas construídas pelo casal para a manutenção da relação.